

# QUEBRANDO o SILÊNCIO

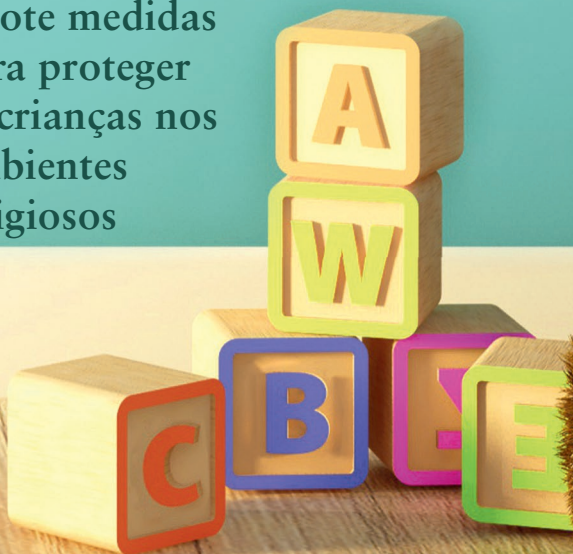
quebrandoosilencio.org

## Nova oportunidade

Agressores podem ser reintegrados à sociedade com menor risco de cometer o mesmo crime

## Um passo à frente

Adote medidas para proteger as crianças nos ambientes religiosos



# VOLTA POR CIMA

Embora deixe marcas profundas, é possível superar o trauma causado pelo abuso sexual infantil

EDITORIAL

# GRITOS SILENCIOSOS



○ POR MARLI PEYERL

O ASSUNTO É  
SENSÍVEL, MAS  
PRECISA SER  
DEBATIDO, POIS  
É URGENTE

Escuto com frequência os relatos de pessoas que, durante a infância, sofreram algum tipo de abuso, seja na escola, igreja ou dentro do próprio círculo familiar, ambientes em que as crianças e adolescentes deveriam estar protegidos. Os índices relacionados a esse tipo de violência têm aumentado de maneira assustadora, e não podemos ficar indiferentes a eles. Segundo uma pesquisa divulgada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) em novembro de 2017, 15 milhões de garotas de 15 a 19 anos haviam sido forçadas a fazer sexo, sendo que 60% delas tinham passado por isso no ano anterior à pesquisa.

Quando nos deparamos com esse quadro, o grande drama é saber que por trás desses números encontram-se vítimas indefesas que estão sendo

marcadas por dor e sofrimento, e colhendo inúmeros problemas, como baixa autoestima, depressão, ansiedade, pânico e isolamento social.

Para que esses índices diminuam e os direitos das crianças e adolescentes sejam garantidos, é preciso educar a população. E isso poderá ocorrer se famílias e instituições religiosas, educacionais e sociais se unirem com o objetivo de instruir as novas gerações a se protegerem e mostrar onde buscar ajuda. Esse apoio pode ser oferecido, por exemplo, por meio da realização de palestras e debates sobre a temática, além da distribuição de revistas como esta.

Com o objetivo de descobrir se as crianças e adolescentes se tornaram vítimas, é necessário observar mudanças de comportamento e verificar se eles apresentam algum atraso no desenvolvimento físico, emocional ou intelectual. O pedido de ajuda deles pode vir também por meio de um familiar, colega ou mesmo professor. Acima de tudo, é preciso estar atento, pois os agressores costumam ser pessoas conhecidas da vítima e, muitas vezes, pertencer ao núcleo familiar. Tudo isso aumenta o drama da pessoa violentada, pois ela sofre sem saber onde pedir ajuda. Ela tem medo de as consequências de sua história se tornarem conhecidas.

Diante desse cenário, o projeto Quebrando o Silêncio não poderia deixar de debater sobre um assunto tão sensível, mas urgente. Por isso, preparamos uma edição especial para não apenas falar do problema, mas principalmente apresentar ações de prevenção, evitar o aumento do número de vítimas e dar acolhimento a fim de prestar suporte àqueles que carregam feridas ainda não cicatrizadas.

MARLI PEYERL é educadora e coordenadora da campanha Quebrando o Silêncio na América do Sul



Fotos: © Nichizhenova Elena | Adobe Stock / Victor Trivelpato

# SUMÁRIO

## 2 EDITORIAL

## 4 ENTREVISTA

Advogada explica como denunciar casos de violência contra crianças

## 6 ATIVE SEU SISTEMA DE ALARME

Saiba como identificar o abuso infantil

## 14 ALÍVIO PARA A DOR

O trabalho de ONGs que restauram histórias de vida

## 16 O MAL QUE RONDA O SAGRADO

Abusos também ocorrem em ambientes religiosos

## 20 QUADRO SOMBRIO

Como as escolas devem lidar com a violência sexual quando ela bate à porta



## 8 RESGATE DE SI MESMO

O psicólogo que superou um trauma de violência na infância e hoje ajuda outras vítimas



## 23 FELIZES PARA SEMPRE?

Livro ajuda famílias em crise a restaurar o casamento

## 24 A HISTÓRIA QUE NINGUÉM CONTA

O que pode ser feito para recuperar agressores e evitar a reincidência?



Edição Especial • 2019

Editores: Jefferson Paradelo e Wendel Lima  
Projeto gráfico: Eduardo Olszewski  
Designer: Bruna Ribeiro  
Foto de capa: Pakiwa | Adobe Stock



Casa Publicadora Brasileira

Rodovia Estadual SP 127, km 106  
Caixa Postal 34; CEP 18270-970 – Tatuí, SP  
Fone (15) 3205-8800 – Fax (15) 3205-8900  
Site: [www.cpb.com.br](http://www.cpb.com.br)  
Atendimento ao cliente: [sac@cpb.com.br](mailto:sac@cpb.com.br)

Diretor-geral: José Carlos de Lima

Diretor financeiro: Uilson Garcia

Redator-chefe: Marcos De Benedicto

Gerente de produção: Reisner Martins

Gerente de vendas: João Vicente Pereyra



Sinais dos Tempos é Marca Registrada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial. Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial de matérias deste periódico sem autorização por escrito da editora.

Tiragem: 1,06 milhão

18094/39305

ENTREVISTA

# PROTEÇÃO COMEÇA EM CASA



○ FERNANDA BEATRIZ

A MAIORIA DOS CASOS DE VIOLÊNCIA SEXUAL ACONTECE NO AMBIENTE FAMILIAR. REPRESENTANTE DO UNICEF NO NORTE DO BRASIL EXPLICA COMO DENUNCIAR O ABUSO

**O**lar deveria ser um local de referência em segurança e cuidado para crianças e adolescentes. Porém, nos casos de violência sexual é geralmente na privacidade do ambiente doméstico que ocorre o abuso.

Um balanço realizado a partir de ligações efetuadas em 2017 para o Disque 100, serviço brasileiro de recebimento de denúncias, constatou que 62% dos atos de violência contra menores foram praticados por familiares, na residência da vítima ou na dos acusados.

Em outros países sul-americanos, a situação se repete. Na Argentina, por exemplo, dados do governo coletados em 2016 revelaram que 75% dos abusos sexuais contra crianças e adolescentes foram cometidos por um familiar.

Diante desse cenário, a advogada Luíza Teixeira, chefe do escritório do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) na cidade de Manaus, no Norte do Brasil, explica como esse tipo de violência pode ser denunciado.

► *O que caracteriza o abuso sexual infantil?*

► É a violência sexual em que menores são usados para estimular ou satisfazer sexualmente um adulto, com ou sem o uso de violência, e com ou sem contato físico. Diferentemente da exploração sexual, o abuso sexual não tem gratificação (monetária ou não) do abusador para a vítima. Contudo, esse crime configura uma grave invasão à sexualidade e à integridade física e mental da criança ou adolescente, violando assim o direito deles a um sadio desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social.

▶ ***Existem políticas públicas com o objetivo de prevenir esse tipo de crime?***

▶ O Brasil foi pioneiro ao elaborar um importante instrumento legal voltado à garantia dos direitos das crianças e adolescentes: o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990. É um marco legal histórico e o ponto de partida para a promoção, elaboração e execução de políticas públicas voltadas à prevenção de crimes como o abuso sexual contra crianças e adolescentes.

Por sua vez, o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (Conanda), criado pela Lei 8.242/1991, é o principal órgão do sistema de garantia de direitos previsto pelo ECA. Cabe a ele aprovar documentos que norteiem as políticas públicas nessa área, como o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes, de 2014.

A prevenção é um dos eixos do plano, que preconiza o envolvimento das diferentes mídias em campanhas sobre a temática, o fortalecimento da rede familiar e comunitária e a inserção das escolas nessas mobilizações.

▶ ***O problema parece complexo para se resolver.***

▶ Sim. O abuso sexual tem causas diversas atribuídas a uma série de fatores sociais, culturais e econômicos. Por isso, o combate requer uma resposta abrangente que leve em conta a complexidade desse crime.

Para tanto, é preciso ter uma abordagem que envolva outros órgãos públicos e atores sociais e que promova a ideia de que os direitos das crianças e dos adolescentes devem ter absoluta prioridade para a família, a sociedade e o governo. Nesse sentido, a prevenção requer, primeiramente, a correta compreensão desse problema, por meio de diagnósticos, pesquisas e dados.

▶ ***E o que pode ser feito quanto à prevenção?***

▶ É preciso divulgar informações qualificadas sobre o abuso sexual contra meninas e meninos, a fim de educar e sensibilizar a sociedade sobre a necessidade de combater esse crime. Além disso, é necessário trabalhar pela mobilização de diversos setores do governo e sociedade a fim de que os direitos das crianças e adolescentes sejam garantidos e protegidos de qualquer violação. E, ainda, é preciso fortalecer o sistema de responsabilização para combater a impunidade e garantir o atendimento adequado às vítimas. No entanto, para que a prevenção seja bem-sucedida, é fundamental que os menores participem de todas as etapas do processo, para que conheçam seus direitos e possam reivindicá-los.

▶ ***Quais autoridades devem ser informadas quando o abuso ocorrer?***

▶ As entidades de proteção à criança ou a polícia devem ser imediatamente informadas. São elas que darão o encaminhamento para efetivar a denúncia. Vale lembrar que qualquer pessoa que suspeite ou tome conhecimento de um caso de violência sexual tem a obrigação de acionar esses órgãos. Isso vale, inclusive, para educadores, líderes religiosos, profissionais de saúde e familiares.

**PRINCIPAIS CANAIS DE DENÚNCIA**

- **Brasil:** Disque 100 e aplicativo Proteja Brasil (gratuito, 24 h, todos os dias)
- **Argentina:** 0800-222-1717 (gratuito, 24 h, todos os dias)
- **Chile:** 800 730 800 (de segunda a sexta-feira, das 9h às 18h)
- **Paraguai:** telefone (147) e aplicativo Fono Ayuda (gratuito, 24 h, todos os dias)
- **Uruguai:** Línea Azul 0800 5050 (gratuito)
- **Bolívia:** Línea 156 (gratuito, 24 h, todos os dias)
- **Peru:** Línea 100 (gratuito, 24 h, todos os dias)
- **Equador:** 1800 DELITO (opção 4) ou ECU 911

# Ative seu sistema de alarme

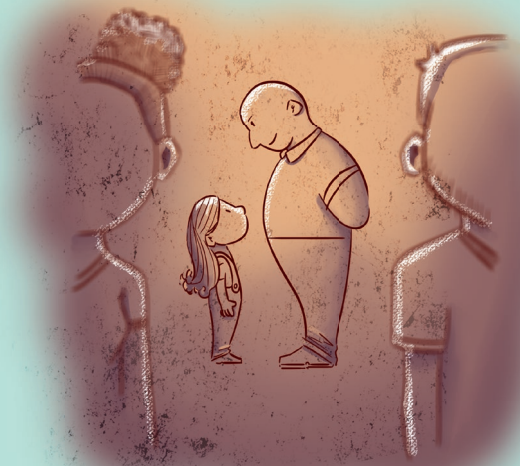
O MEDO PODE LEVAR UMA CRIANÇA A SOFRER CALADA DENTRO DE CASA. ENTENDA COMO IDENTIFICAR SE ELA É VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL

◦ PABLO CANALIS

**P**ode ser que a infância, uma das fases mais belas da vida, esteja sendo roubada pela violência sexual contra alguma criança que você conhece. Trata-se de uma situação complexa de identificar: há aquelas que falam, demonstram ou tentam dizer, de alguma forma, o que vivenciam. Outras, no entanto, calam-se diante do medo das consequências que podem se tornar reais caso seu sofrimento seja exposto.

O abuso sexual infantil é um fator de risco que pode levar à depressão, ansiedade, pânico, isolamento social ou transtorno da personalidade. Por isso, é preciso ter um diálogo aberto com as crianças, manter-se atento a esses sintomas e pronto para agir rapidamente, sempre com amor e cuidado. Atente para as orientações a seguir.

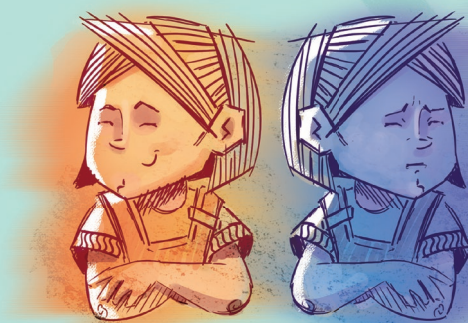
**PABLO CANALIS** é psiquiatra com especialização em Medicina da Família



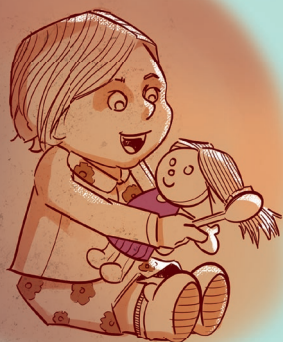
1 Saiba com quem a criança está e o que fazem enquanto estão juntos



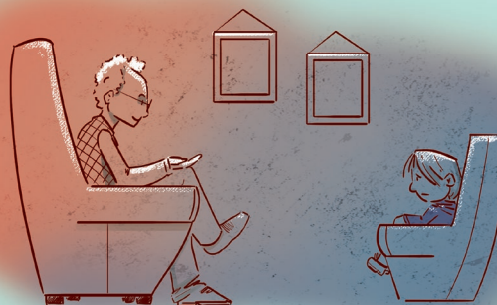
2 Desconfie se ela repentinamente não quer estar perto de alguém conhecido



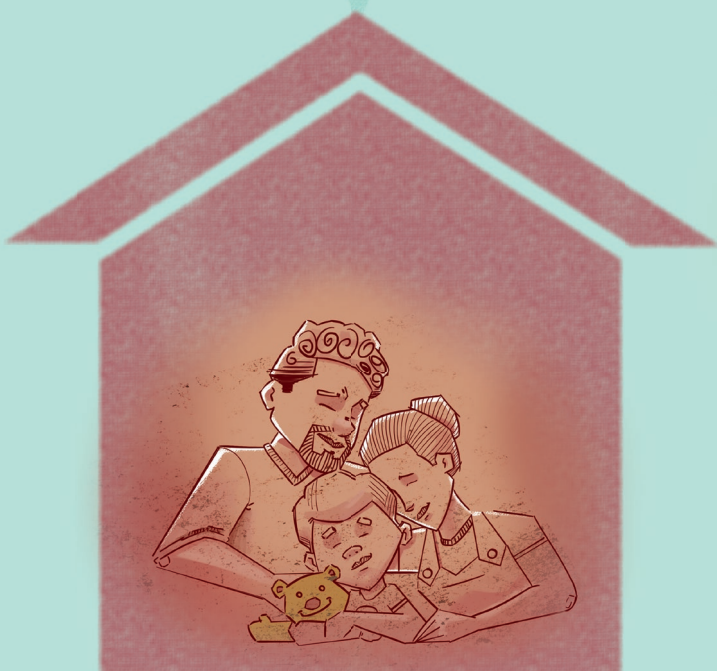
3 Observe se há uma mudança repentina de comportamento, sem causa aparente, como irritação e choro



8 Se o abuso for confirmado, não se desespere. Com um tratamento adequado, ela tem muitas chances de superar o trauma



7 Marque uma consulta com um psicólogo infantil. Pode ser que a criança esteja com medo de lhe contar o que está vivendo



9 Ame, proteja, escute e se coloque ao lado da criança



6 Em caso de suspeita, investigue a situação



4 Perceba se a criança se isola, se alimenta de maneira diferente, tem pesadelos e passa a urinar e defecar na cama à noite



5 Nunca desconsidere o que ela compartilha com você, ainda que por meio de desenhos

# RESGATE DE SI MESMO

O ABUSO SEXUAL APRISIONA E AFETA A AUTOESTIMA E A IDENTIDADE DA VÍTIMA. CONHEÇA A HISTÓRIA DE UM PSICÓLOGO QUE SUPEROU ESSE DRAMA E HOJE AJUDA SEUS PACIENTES A FAZER O MESMO

*PABLO ALE*





**P**ablo (nome fictício) me olha fixamente e fala com a segurança de quem conhece o assunto. Poucos imaginam que por trás de seus olhos azuis, intensos e inquietos, se esconde uma história tão terrível. Suas palavras fluem, cristalinas, rápidas, numa enxurrada de letras que disputam entre si para serem ouvidas. Há muito a ser dito.

Quando gesticula, tenta tornar as ideias mais claras. Mas isso não é necessário. O relato é real e contundente por si só: “Fui abusado sexualmente desde os quatro anos por um amigo da minha família. Na adolescência, outra pessoa fez o mesmo. Minha vida foi um inferno. Não tinha paz em lugar nenhum. Na escola, eu sofria *bullying* de todos por ter um jeito diferente dos demais garotos. Apanhava e minhas professoras nem percebiam. E eu não me defendia”, desabafa.

# ESTATÍSTICAS PREOCUPANTES

Os números assustam. Cerca de **300 milhões** de crianças no mundo vivem em **situação de violência** e **15 milhões** de mulheres entre **15 e 19 anos** já foram **vítimas de abuso**, segundo dados do relatório “Situação Habitual: Violência na Vida de Crianças e Adolescentes”, elaborado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), em **2017**. Esses números fizeram com que a questão da violência contra a criança, incluindo a sexual, entrasse na nova Agenda Global de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030, elaborada pela ONU.

“Isso é outro dos motivos que geram abuso: você não se sente digno. E esse sentimento de indignidade o leva a pensar: ‘Se alguém abusa de mim, e os demais me batem, é porque eu mereço.’ E isso acaba crescendo: ‘Se alguém próximo, que supostamente deveria me cuidar, abusou de mim, então por que um estranho na escola não faria o mesmo?’ E foi isso que aconteceu comigo. Cresci com uma autoimagem totalmente distorcida, e também não tinha clara a minha orientação sexual. Isso era muito notável, e assim foi até o início da vida adulta.”

Essa é a história de Pablo, um cristão que hoje pode contar sobre esse capítulo de sua vida com segurança e paz. Graduado em Psicologia, exerce a profissão há mais de 20 anos. Hoje, como pai de família ele se sente feliz. No entanto, seu caminho foi mais longo do que isso.

“Como cristão, eu culpava a Deus por tudo o que acontecia comigo. Estava zangado com Ele. Minha aflição era tão forte que busquei uma fuga no que, equivocadamente, achava que me traria paz. Abandonei a fé e me refugiei no álcool e nas drogas. Comecei a ter um estilo de vida totalmente livre, inclusive no aspecto sexual”, detalha. “Isso trouxe consequências. Por exemplo, fui contagiado com HIV e provoquei um verdadeiro desastre em meu corpo e minha vida.”

Quando lhe pergunto se essa fuga ajudou a conter sua dor, ele responde com precisão: “Sim, momentaneamente. Você curte por um momento, e no outro dia se sente vazio, sem nada... Com a mesma culpa, com o mesmo ódio, pois era assim que eu vivia, com ódio de tudo e de todos: daqueles que abusaram de mim, da vida, de Deus. No entanto, Ele fez um milagre em mim. Não foi instantâneo, mas gradual.”

Hoje Pablo está convencido de que tudo o que viveu e suportou pôde ser direcionado para o bem. E reforça que isso o ajuda no tratamento que oferece a seus pacientes que foram vítimas de abuso. Sua triste experiência com esse tipo de violência acabou contribuindo no seu preparo profissional.

◆ *O abuso que você sofreu ocorreu em um ambiente familiar. Em geral, é nesse contexto que acontece esse tipo de violência?*

◆ Sim, na maioria dos casos. O abusador de menores age dentro do círculo familiar e raramente é um estranho que passa pela rua. Seja na América Latina ou em outras partes do mundo, a violência ocorre no ambiente da criança. O abusador a conhece e a manipula emocionalmente. No meu caso foi assim. Ele me dava coisas e prometia outras.

É um mecanismo muito perverso, porque o agressor faz você se sentir especial. Tão especial que faz o que quer com você. Assim, a vítima chega a pensar: “Sou especial, porque fui escolhido entre outros.” Isso também faz a vítima pensar que é cúmplice do abuso, como se tivesse culpa em ter atraído a atenção para si.

◆ *Então há uma inversão de papéis?*

◆ Sim, e isso nos atormenta por muito tempo. Além do ressentimento e da raiva, a culpa é o pior sentimento que fica após o abuso.

◆ *Que consequências psicológicas decorrem de um abuso? Como isso repercute no êxito ou fracasso na vida adulta?*

◆ As consequências são muitas e terríveis. Não se pode generalizar porque, como seres humanos, somos diferentes e únicos. Porém, em geral, o abuso pode gerar baixa autoestima e distúrbios, como depressão e problemas sexuais. Meninos e meninas também tendem a reagir de forma distinta. Ao crescer, o caminho mais próximo para um garoto abusado é a homossexualidade e o vício em drogas; e para uma garota é a dificuldade de formar uma união estável ou de não conseguir viver com prazer sua sexualidade.

◆ *O que os pais podem fazer para prevenir o abuso sexual infantil?*

◆ Falando sobre esse problema e a questão da culpa. Eu também culpei meus pais pelo que aconteceu comigo. Eles não perceberam o que sofri e isso me marcou. Por um lado, questiono por que não cuidaram de mim, mas por outro entendo que dificilmente desconfiariam de alguém próximo, em quem confiavam.

Por isso, os pais devem criar vínculos com os filhos, nutrindo um ambiente de confiança, para que eles sempre abram o coração. Muitas vezes, a criança não sabe o que estão fazendo com ela e pode chegar a contar isso de forma indireta. Certa vez, tive um caso no consultório em que uma menina dizia: “Meu tio me faz palavras más.” A professora a corrigiu e lhe disse: “Não se diz me faz, e sim me diz.” Porém, investigaram e era como a menina dizia: o tio fazia coisas más com ela.

◆ *Se isso ocorre, o que fazer?*

◆ Cuidar da vítima é a primeira providência. É necessário levá-la a um centro especializado, ainda que o abuso não tenha envolvido contato físico. Um adulto,

por exemplo, que sente prazer em ver uma criança nua também é um abusador, mesmo que não lhe tenha tocado. Isso não é normal. É perverso sentir prazer tocando ou vendo o corpo de uma criança. Depois de cuidar da vítima, os pais precisam denunciar o abusador, por mais difícil que seja acusar um familiar ou amigo próximo. No entanto, é preciso enfrentar o problema e afastar o abusador.

◆ *Como é possível superar um abuso?*

◆ O importante é pensar não apenas a partir de uma perspectiva psicológica, mas espiritual. Há angústia e tristeza que contaminam todas as dimensões do ser. Por isso, se agregarmos o aspecto espiritual, tudo muda. A saída é espiritual. E por onde passa? Pelo perdão. Assim é possível viver uma vida cheia de paz. O perdão é incompreensível e grandioso. Mais do que uma palavra, é uma atitude; é dar-se conta de quem é verdadeiramente seu inimigo.

Durante muito tempo, culpei a Deus e Lhe perguntei onde Ele estava quando tudo isso me acontecia. Para mim, teve efeito curativo pensar que Deus sofria mais do que eu. E sofria mais porque Ele podia impedir, mas o permitia por alguma razão que eu desconhecia. Anos mais tarde, compreendi que estamos imersos em um grande conflito cósmico entre o bem e o mal. Quem me feriu não é mais que um instrumento nas mãos do diabo. Sei que é difícil entender, mas meu abusador também necessita de ajuda e pode ser restaurado. Se Deus me perdoou por tudo o que fiz como pecador, também pode perdoar meu abusador. E, com a ajuda divina, eu também posso fazer isso.

Pablo continua me olhando fixamente. Ele se emociona, chora e sorri, quase tudo ao mesmo tempo. O caminho percorrido causou-lhe marcas profundas. Hoje, essas marcas são medalhas de vitórias. Graças a elas e a Deus, podem resgatar outros desse inesperado e injusto abismo que é o abuso sexual infantil.

Não consigo continuar olhando para ele sem que uma lágrima caia. Seu relato é comovente. “Se me perguntar se essa tragédia pode ser superada, eu digo que sim, pode ser superada.” Seu sim é um sim pleno, contundente. Parte de quem sabe o que diz.

**PABLO ALE** é jornalista, pastor e mestre em Literatura. Ele trabalha como editor de revistas na Asociación Casa Editora Sudamericana, em Buenos Aires, Argentina

# MITO OU REALIDADE?

## MITO

Os abusos sexuais contra crianças não são frequentes.

## REALIDADE

São, sim. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), divulgados em 2016, uma em cada cinco mulheres e um em cada 13 homens declararam haver sofrido abuso sexual na infância.

## REALIDADE

Aplicados de forma adequada para cada idade, os programas educativos, em vez de deixá-las com medo, ajudam as crianças a desenvolver habilidades a fim de se protegerem dos agressores de maneira eficaz.

## MITO

Os agressores usam a força física para abusar sexualmente das crianças.

## REALIDADE

Ao contrário, utilizam estratégias de persuasão e manipulação como jogos, mentiras e ameaças. Essas táticas podem incluir desde a compra de presentes até mesmo a organização de atividades especiais.

## MITO

Crianças muito pequenas não precisam saber sobre o abuso sexual porque teriam medo do assunto.

## MITO

As crianças mentem e inventam quando falam que foram abusadas.

## REALIDADE

Isso ocorre em uma proporção muito pequena e nos casos em que o menor não recebeu tratamento. Por causa desse mito, muitos adultos que foram violentados temem falar da sua experiência, pois imaginam que possam ser vistos como possíveis abusadores.

## MITO

As crianças que sofreram abusos sexuais se tornam adultos agressores.

## REALIDADE

Não está claro se as crianças mentem mais que os adultos. Ao contrário, as crianças são mais transparentes e sinceras. Em verdade, elas aprendem a mentir quando crescem. Por outro lado, as crianças pequenas não têm maturidade nem habilidades cognitivas necessárias para inventar e sustentar uma mentira complexa. Menos ainda poderiam fazê-lo frente a profissionais de saúde mental treinados para avaliá-los. No entanto, existe uma porcentagem de denúncias desse tipo que são falsas.

## MITO

Os agressores têm um perfil comportamental específico, geralmente são pessoas mais isoladas.

## REALIDADE

Qualquer pessoa pode ser um abusador. Tanto homens como mulheres, heterossexuais ou homossexuais, pessoas neuróticas, psicóticas ou perversas. Não existe um perfil de personalidade específico nem testes que detectem quem agrediu ou tem potencial de abusar sexualmente de uma criança. Isso dificulta a prevenção, pois o abusador costuma ser uma pessoa próxima e de confiança da família, alguém cujo comportamento social (que se vê) não revela sua conduta sexual (que não se vê).

## MITO

Os abusos sexuais ocorrem contra crianças de famílias socialmente vulneráveis.

## REALIDADE

O problema atinge todos os estratos socioculturais. O que ocorre é que os casos de abuso em classes sociais mais altas são subnotificados e têm menor visibilidade na mídia.

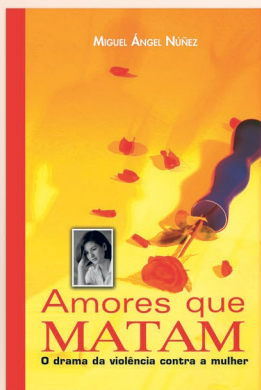
# Viva com amor



## SEGREDOS DA VITÓRIA NO AMOR

ERONILDES DE NICOLAS

Mais do que apenas um livro, esta é uma valiosa orientação psicológica para ajudar você a alcançar êxito no amor. Para o autor, as pessoas que experimentam a derrota na vida é porque geralmente estão fracassando também nos relacionamentos. Elas têm dificuldade para dar e receber afeto. Por isso, é preciso aprender a amar. E alguns dos segredos estão neste livro.



## AMORES QUE MATAM

MIGUEL ÁNGEL NÚÑEZ

A violência contra a mulher é um problema que tem atingido praticamente todas as classes sociais. Não importa se ela é física ou psicológica, os danos são terríveis e podem se tornar irreversíveis se não forem tratados em tempo. Este livro surge num momento oportuno, pois aborda questões como a violência doméstica, os mitos sobre o agressor e a mulher agredida e o papel que a igreja deve assumir com respeito ao assunto.



MKT CPB | Fotolia

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073  
Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



# Alívio para a dor

CONHEÇA O TRABALHO DE ONGS  
QUE AJUDAM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA  
SEXUAL A SE RECUPERAREM DOS  
TRAUMAS DA INFÂNCIA

JÉSSICA GUIDOLIN

**A** infância é uma fase de grandes descobertas, alegrias e desenvolvimento. Entretanto, tudo isso é roubado quando a violência impera, aproveitando-se da fragilidade e inocência das crianças, e levando-as a colecionar amargas memórias.

Por isso, os casos que são denunciados para as autoridades precisam de intervenção: dos órgãos públicos competentes e, muitas vezes, do trabalho complementar das Organizações Não Governamentais (ONGs) especializadas. Uma delas é o Centro Regional de Atenção aos Maus-Tratos na Infância (Crami), loca-

lizada em Campinas (SP), Brasil, que atende 270 famílias por ano.

As crianças abusadas sexualmente recebem o acolhimento de assistentes sociais, psicólogos e educadores, que também dão suporte aos familiares para a restauração dos vínculos. A duração do tratamento varia entre um e cinco anos.

Outra entidade que compartilha o mesmo objetivo é o programa Dedicada (Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente), localizado em Curitiba, capital do Paraná, no Sul do Brasil. Estabelecida em 2004 por uma equipe voluntária de médicos, hoje a entidade está ligada à Associação de Amigos do Hospital de Clínicas da Universidade Federal do Paraná, oferece atendimentos diários e interdisciplinares para vítimas de violência grave/gravíssima, com o apoio de psicólogos, psiquiatras, pediatras, assistentes sociais e outros especialistas.

A médica Luci Pfeiffer, criadora e coordenadora da iniciativa, explica que as crianças e adolescentes são encaminhados ao ambulatório e passam por uma avaliação, assim como suas famílias, a fim de diagnosticar o tipo de violência e o nível de gravidade.

Na sequência, é determinado o tratamento a ser aplicado à vítima e ao agressor. “Em mais de 80% dos casos que recebemos aqui, os agressores foram vítimas de violência gravíssima em sua infância, e não receberam tratamento adequado. Nossa maior contribuição é impedir que essas crianças que hoje são vítimas, amanhã sejam pais agressores também”, sublinha.

Em 2017, mais de 93% dos casos que passaram pela equipe eram de violência intrafamiliar, em que a criança foi refém de seus agressores. “Desse tipo de abuso, atendemos desde violência psíquica até a sexual”, informa a pediatra.

## NOVA HISTÓRIA

Contudo, memórias amargas podem ser substituídas por um ciclo de recomeço. É o caso de Júlia (nome fictício), que há alguns anos recebeu suporte do Dedicada. Entretanto, seu sofrimento não foi denunciado, e sim observado até chegar ao tratamento. Na época, a jovem de 25 anos de idade tinha dois filhos – um de 14 e outro de 12 –, o que revela que ela engravidou pela primeira vez aos 11 anos.

Sua história veio à tona porque um de seus filhos foi internado no Hospital de Clínicas. Porém, no momento da alta, Júlia entrou em desespero e não parava de chorar. A reação dela chamou a atenção da equipe médica, que solicitou uma avaliação. Os profissionais descobriram que desde os sete anos de idade Júlia era violentada pelo padrasto.

Seu desespero era o pedido de ajuda de alguém que era escravizada sexualmente e com o consentimento da própria mãe. Sem poder frequentar a escola, Júlia não foi alfabetizada e seus filhos também sofriam violência psíquica e física. Mesmo submetidos a tamanha crueldade, eles conseguiram reconstruir a própria vida com a ajuda da Dedicada.

“Esse caso foi muito especial porque, desde a primeira conversa que tivemos, ela entendeu toda a situação, e a partir daí fez todas as denúncias que eram possíveis. Foi uma história muito emocionante para nós. Hoje ela tem uma vida digna”, pontua a médica Luci Pfeiffer.

## PREVENÇÃO NECESSÁRIA

Por outro lado, há entidades que investem em medidas para evitar que o abuso aconteça. No Peru, a Save the Children, organização presente em mais de 120 países, incluindo a

Bolívia, atua em três frentes: eliminar a violência contra meninos e meninas; assegurar que estejam matriculados em uma escola; e garantir que participem ativamente da sociedade. Um de seus projetos está ligado à prevenção da gravidez na adolescência. Em outra região do território peruano, a ênfase está na prevenção da violência sexual, por meio de conscientização quanto aos riscos para crianças e adolescentes tanto no mundo real quanto no virtual.

“Trabalhamos muito com as famílias e a comunidade. Nosso objetivo é chegar a eles antes que o abuso seja cometido. Em nossa experiência, se os adultos são informados sobre os riscos de deixar as crianças sozinhas durante todo o dia ou de deixá-las ter acesso à internet sem falar dos riscos de alguém tentar seduzi-las, isso minimiza os resultados negativos”, assegura Maria Villalobos, diretora da Save the Children no Peru.

A maioria dos casos atendidos pela ONG é de meninas e garotas adolescentes que não receberam orientação preventiva a respeito de abuso sexual na escola, em casa ou na comunidade. É a partir desse perfil de vítimas em potencial que a entidade desenvolve metodologias de prevenção.

“Independentemente do tipo de projeto que façamos, queremos que as crianças tenham protagonismo e conheçam seus direitos. Quando não se sabe quais são seus direitos, é mais fácil que pisem em você e o manipulem. Porém, se você conhece seus direitos, terá ferramentas para se proteger”, garante Maria.

JÉSSICA GUIDOLIN é jornalista (com colaboração do jornalista Deyler Vásquez)

# O MAL QUE RONDA O SAGRADO

A violência sexual também ocorre em ambientes religiosos. Saiba como as comunidades de fé podem se envolver na proteção das crianças

**HERON SANTANA**





O mal que os homens praticam sobrevive a eles. O bem quase sempre é sepultado com eles.” No texto da peça teatral *Júlio César*, do poeta e dramaturgo inglês William Shakespeare, a frase acima faz parte do discurso do imperador Marco Antônio, nas escadarias do Senado Romano, em frente ao corpo de Júlio César, assassinado a facadas pela conspiração de Brutus e Cassius. A máxima parece extrapolar a ficção e se personificar na realidade deste mundo em que a violência e o mal são expressões de que algo de errado e muito grave está enraizado na vida humana.

É o caso dos indicadores de violência sexual. Os dados mostram que as crianças estão no epicentro dessa tormenta. Por exemplo, o estudo “Violência contra Crianças e Adolescentes – Percepções Públicas no Brasil”, da ONG cristã Visão Mundial, em parceria com a empresa de pesquisa Ipsos, apontou o Brasil como o país mais violento contra crianças e adolescentes, em comparação com outras 13 nações da América Latina.

A pesquisa foi realizada em 2017 e ouviu mais de 6 mil pessoas. Abuso físico e psicológico, trabalho infantil, casamento precoce, ameaça *on-line* e violência sexual fazem parte de uma lista trágica que corrompe a infância nessa região do mundo.

Quanto à percepção dos entrevistados sobre a violência, 13% dos brasileiros disseram que enxergam como alto o risco de uma criança sofrer esses tipos de abuso no país; índice maior que os 11% dos mexicanos e 10% dos peruanos e bolivianos. Um recorte do estudo também chama a atenção: os ambientes de risco. De acordo com os entrevistados, o espaço público (52%) oferece maior risco para crianças e adolescentes, seguido do lar (21%), da escola (13%) e dos ambientes religiosos (3%).

## PROFANAÇÃO

Merece reflexão esse último dado apontado pelo estudo latino-americano da Visão Mundial. A explosão de denúncias na imprensa sobre abusos contra menores, envolvendo líderes religiosos, indica que os ambientes de culto também precisam da atenção e vigilância de seus frequentadores. Quem reforça esse alerta é a advogada Maíra Vida, conselheira da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), na seccional Bahia. Ela também é presidente da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa na OAB-BA.

Maíra pontuou que o problema deve ser maior do que o que se tem conhecimento e lamenta que existam poucos estudos sobre esse tipo de violência no contexto religioso. Por sua atuação na OAB-BA, Maíra tem recebido denúncias de mulheres que sofreram abuso sexual de babalorixás, pastores e líderes religiosos de confissões diversas. Para ela, o problema da violência sexual é interconfessional. Porém, Maíra entende que poucas

denúncias envolvendo comunidades religiosas são notificadas, talvez, por causa do que ela chama de “temor reverencial” (leia o quadro “Proteja as ovelhas dos lobos”).

Sua fala lembra a obra *Microfísica do Poder*, do teórico social Michel Foucault, para quem a humanidade se tornou escrava não apenas das instituições políticas, mas de outras formas de poder, sem que a maioria das pessoas tenha preparo para o exercício do poder. Também transita pela teoria apresentada no livro *O Poder Simbólico*, do sociólogo Pierre Bourdieu: se o poder está em toda a parte, quando o assunto é abuso de poder, é necessário saber descobri-lo onde ele se deixa ver menos, onde ele é mais completamente ignorado, sendo exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem.

“Em qualquer templo você encontra o irmão. Portanto, cria-se a ideia de que aquele seja um ambiente familiar, de confiança. Contudo, podemos acabar desconsiderando que as pessoas trazem para o ambiente religioso as experiências de vida”, reflete Maíra. “Para mim, parece que há até a negação veemente de que esse problema possa ocorrer no ambiente religioso, pois se pressupõe que haja ali a presença de Deus. Para alguns, é difícil imaginar que nesses espaços também se cogite o mal e possa haver a manifestação da crueldade, do ódio e da violência que estão no indivíduo”, conclui.

**HERON SANTANA** é jornalista

## OPRESSÃO OU LIBERTAÇÃO?

A religião ajuda ou atrapalha no combate à violência sexual, especialmente contra as mulheres? Por vezes, o discurso e as estruturas das instituições religiosas são usados para legitimar alguns tipos de violência contra a mulher ou para, no mínimo, favorecer o silenciamento delas. Negar, por exemplo, que abusos ocorram nos círculos religiosos, não denunciar agressores, culpar as vítimas ou tratar a violência doméstica como um problema privado, no qual não “se põe a colher”, são posturas que reforçam a cultura da violência.

Por outro lado, uma religiosidade saudável serve de impulso para quebrar o ciclo de violência, desenvolver resiliência e esperança e recuperar a própria autoestima. Comunidades religiosas podem ser muito importantes também no acolhimento das vítimas, dando a elas um senso de pertencimento. Um estudo do Instituto de Pesquisas do Senado do Brasil mostrou que, em 2015, 7% das mulheres agredidas entrevistadas buscaram apoio na igreja, sendo que, em 2017, esse número subiu para 19%. Essa demanda mostra também a necessidade de líderes religiosos serem preparados para atuar como agentes de prevenção e combate à violência sexual.

**Fontes:** “Violência doméstica: uma cartilha para mulheres, técnicas e técnicos do poder público e lideranças religiosas” (Umesp, 2018) e pesquisa “Violência doméstica e familiar contra a mulher” (DataSenado, 2017)

## PROTEJA AS OVELHAS DOS LOBOS

Líderes e comunidades religiosas podem ajudar a proteger as crianças ao deixarem a postura meramente reativa para assumirem uma agenda proativa de prevenção. Nessa direção, o pastor norte-americano Deepak Reju, doutor em Teologia e líder do ministério de aconselhamento familiar

na Igreja Batista de Capitol Hill, em Washington (EUA), apresenta dez sugestões com base em seus estudos e experiência. Apesar de essas orientações virem de um contexto evangélico e norte-americano, sua aplicação pode ser mais ampla, servindo para outras regiões do mundo e grupos religiosos.



### TREINAR VOLUNTÁRIOS

Preparar pessoas para fazer bem seu trabalho em programas e ministérios que envolvam crianças é algo muito importante. Precisa estar claro para os novos voluntários e os veteranos o que se espera deles.



### FECHAR O CERCO

A maioria dos abusadores presume que não terá que prestar contas. Por isso, verificar antecedentes criminais de novos membros e de voluntários pode ajudar a intimidar quem estiver mal-intencionado.



### ATENTE PARA ESPAÇOS ISOLADOS

Idealmente, a construção do templo deve valorizar a funcionalidade e a segurança de seus usuários. Portanto, avalie se os espaços utilizados para as atividades infantis não favorecem o isolamento.



### IMPOR UM PROCESSO DE CHECK-IN E CHECK-OUT DAS CRIANÇAS

Esse procedimento cria uma “cerca” ao redor dos pequenos, permitindo que eles fiquem em segurança até que sejam devolvidos aos pais.



### CRIAR E IMPLEMENTAR UMA POLÍTICA DE PROTEÇÃO INFANTIL

São diretrizes autoimpostas pela comunidade religiosa que indicam como ela pretende proteger as crianças que estão sob seus cuidados. As crenças de que abusos não ocorrem em ambientes “seguros”, como os religiosos, ou de que todos ali se conhecem, podem tornar a comunidade mais vulnerável.



### TER UM PLANO DE RESPOSTA AO ABUSO

A comunidade religiosa precisa discutir previamente como lidar com um caso de abuso sexual infantil, o que envolve oferecer acolhimento para a vítima e a família, denunciar e fazer os devidos encaminhamentos em relação ao agressor e talvez responder aos questionamentos da imprensa e vizinhança.



### CONHECER QUEM FREQUENTA A IGREJA

Abusadores sexuais podem se valer do fato de que templos religiosos geralmente são espaços de livre acesso. Por isso, é importante que mesmo aqueles que não são membros da comunidade recebam alguma espécie de acompanhamento, como cadastro no registro de visitantes ou sejam visitados no lar.



### CONHECER SUA COMUNIDADE

Os líderes religiosos devem procurar estabelecer um relacionamento próximo com profissionais, órgãos públicos e ONGs que lidam com a questão na cidade ou bairro. Dessa maneira, além de um trabalho de cooperação com essas entidades, caso essas instituições precisem ser acionadas num eventual abuso infantil, um contato direto pode ser feito.



### GARANTIR O APOIO DE TODOS OS LÍDERES

Proteger as crianças precisa estar no topo das prioridades da comunidade. Se isso for levado a sério, a liderança destinará recursos e voluntários para essa finalidade, bem como pensará em protocolos para cuidar do ministério infantil.



### CONSCIENTIZAR E CAPACITAR OS PAIS

Conscientizar os pais sobre a responsabilidade que eles têm de mentorear espiritualmente os filhos e protegê-los. Orientar os pais a respeito de como falar sobre sexualidade e prevenção, além de estabelecer vínculos significativos com os filhos, é fundamental nesse processo.

# QUADRO SOMBRIO

A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL  
TAMBÉM BATE À PORTA DAS  
ESCOLAS. ENTENDA COMO AS  
INSTITUIÇÕES DE ENSINO PODEM  
PREVENIR ESSE PROBLEMA E  
LIDAR COM ELE

ALEXIS VILLAR



**H**á uma voz interior que deseja gritar aos quatro ventos, porém não pode. Não se sabe como fazê-lo. Sente vergonha. Sente culpa. Ninguém a compreende. A violência sexual infantil é uma epidemia silenciosa, como todo abuso. Alguém manda, o outro escuta. Alguém ordena, o outro obedece. Alguém abusa, o outro é abusado. A história pode ter diferentes versões. Contudo, as vítimas costumam ser as mais fracas, como as crianças.

De acordo com a psicóloga Andrea Regalado, professora da Universidade Adventista del Plata, na Argentina, “o abuso sexual infantil é o resultado da conjunção de uma série de fatores. Não há um fator causal único. Por isso, a melhor ferramenta é a prevenção. Desde pequeno, respeitando a maturidade dela, deve-se falar com a criança sobre sexualidade”.

### ATENÇÃO CONSTANTE

O fato é que a violência sexual infantil também bate à porta da escola. Ao longo dos vários anos de jornada acadêmica, é no ambiente escolar que crianças e adolescentes passam uma parcela significativa do dia. É nesses espaços, nos quais circulam centenas e milhares de pessoas diariamente, que educadores, gestores, pais e alunos devem estar atentos para possíveis incidências de abuso.

Como em qualquer outra realidade, em casos de maus-tratos no contexto educacional, a prioridade é a proteção integral da criança. Não cabe à unidade educacional determinar quem são os responsáveis pelo abuso, pois essa tarefa compete aos órgãos públicos. Porém, é responsabilidade da escola identificar a violência e solicitar a intervenção de equipes profissionais especializadas no assunto.

Contudo, há diversas maneiras de identificar uma situação de abuso. Às vezes, é a própria criança que detalha o ocorrido. Em outros casos, é necessário estar atento aos sinais de maus-tratos, como mudanças de comportamento, lesões e atraso no desenvolvimento físico, emocional ou intelectual da criança. É preciso observar também se a vítima não tem tentado pedir ajuda para

professores e/ou colegas, se tem usado roupas mais compridas para esconder partes do corpo ou se os responsáveis legais dela dão indícios de negligência no cuidado da criança.

### O QUE FAZER?

É importante observar o aluno em diferentes momentos e situações, como em sala de aula, na prática de esportes e no recreio. Atentar para sua aparência e fisionomia, bem como para seu modo de se relacionar com colegas, professores e familiares. Se o abuso ocorrer na instituição educacional, é importante ouvir o relato com atenção, sem interromper nem julgar; registrar as informações para não esquecer os detalhes; se quem relata é a criança, não perguntar detalhes do abuso, caso ela não compartilhe mais informações; averiguar o relato e intervir, tomando as medidas cabíveis; e comunicar o ocorrido para as autoridades e órgãos competentes. Na sequência, é importante prestar auxílio à família no encaminhamento legal do caso e direcionar a criança para um atendimento psicológico.

Hoje existe a necessidade concreta e inevitável de se estabelecer um protocolo\* a ser seguido em caso de supostos crimes contra a integridade sexual e maus-tratos de crianças e adolescentes. Portanto, cada unidade escolar ou a rede da qual ela faz parte deve elaborar isso, bem como treinar seus funcionários e gestores para que o apliquem. O delicado equilíbrio de direitos em jogo e a relevância do bem jurídico protegido exigem o maior esforço da instituição para que crimes dessa natureza sejam definitivamente erradicados da sociedade.

Para ajudar a diminuir os índices de violência neste ambiente, o colégio também pode oferecer palestras e debates regulares sobre o assunto, a fim de conscientizar e proteger a comunidade escolar.

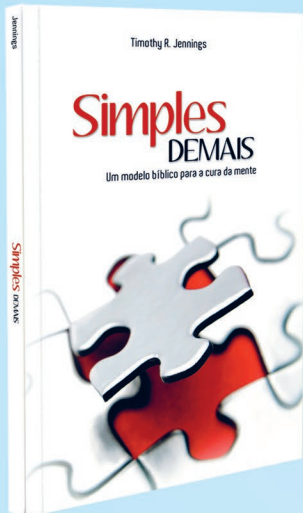
\*Este artigo foi escrito com base no “Protocolo de Atuação Diante de Situações de Violência, Maus-Tratos ou Abuso”, da rede educacional adventista na Argentina

ALEXIS VILLAR é jornalista

# PESADO DEMAIS?

## SUGESTÕES QUE

# PODEM AJUDAR VOCÊ



### COMO SAIR DA DEPRESSÃO

O tratamento da depressão é geralmente feito com medicamentos, mas o doutor Neil Nedley usa uma nova abordagem. Essas informações certamente trarão esperança aos que sofrem com esse mal tão comum. Você vai vibrar com a proposta de "cura em 20 semanas" que já trouxe alívio a tantas pessoas. Sem dúvida alguma, você desejará compartilhar este livro com seus familiares e amigos que estão querendo descobrir *Como Sair da Depressão*.

### SIMPLES DEMAIS

Sensação de inutilidade. Autoestima baixa. Culpa ilegítima. Incapacidade de perdoar. Amargura e ressentimento. Essas batalhas são travadas na mente de milhões de pessoas, incluindo os cristãos. Elas fazem parte do conflito entre Cristo e Satanás: a disputa pelo coração e a mente de cada um. A boa notícia é que você pode ser vitorioso nessa batalha. Equipado com as ferramentas apresentadas neste livro, você pode cooperar com Deus para alcançar o bem-estar mental e obter vitória espiritual.



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br



# Felizes para sempre?

*Livro apresenta soluções para famílias em crise*

GUILHERME SILVA



Livro terá distribuição gratuita e tiragem superior a 22 milhões de exemplares. A versão digital da obra está disponível em [livro.esperanca.com.br](http://livro.esperanca.com.br)

Em média, 14 anos é o tempo de duração de um casamento no Brasil, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De cada três casais que prometem estar juntos na saúde e na doença, até que a morte os separe, um acaba se divorciando. Enquanto alguns casamentos terminam, espalhando feridas emocionais entre cônjuges e filhos, outros continuam, como se marido e mulher insistissem em morar numa área de risco, prestes a desabar. Diante de tantos casais infelizes e pessoas machucadas por relacionamentos abusivos, existe alguma esperança para os casamentos, além de um fim doloroso ou o prolongamento melancólico de um sofrimento suportável?

Embora a vida real não se encaixe em fórmulas prontas e soluções de consultório, Willie e Elaine Oliver acreditam que toda família tem jeito. Essa é a mensagem principal que os autores apresentam no livro *Esperança Para a Família*, lançado em 2019 pela Casa Publicadora Brasileira (CPB), editora da Igreja Adventista no Brasil. A obra terá uma tiragem que ultrapassará os 22 milhões de exemplares em português e espanhol, e será distribuída gratuitamente em oito países da América do Sul.

O otimismo dos autores não é ingenuidade de um casal imaturo. Na verdade, é resultado de mais de 30 anos de uma união marcada por desafios e realizações, entre eles a educação de dois filhos. Além da experiência de vida, o casal soma muitas horas de estudo dedicadas ao tema. Willie é formado em Teologia, com mestrado em Aconselhamento Pastoral e doutorado em Sociologia da Família. Elaine é educadora com mestrado na área de Aconselhamento Psicológico e cursa o doutorado em Psicopedagogia. Nos Estados Unidos, eles apresentam o programa *Real Family Talk*, na TV Hope Channel, e são colunistas da revista *Message*.

Com o livro *Esperança para a Família*, Willie e Elaine desejam compartilhar experiências pessoais e de outros casais que renovaram o amor e o respeito em meio a situações difíceis. De acordo com a Bíblia, as turbulências familiares acompanham a humanidade desde que o primeiro casal se desentendeu (Gn 3). Porém, assim como o Criador apontou o caminho da restauração naquele momento, Ele continua fazendo isso por meio de Sua Palavra. Esse é o alicerce em que os autores sustentam as orientações práticas ao longo do livro.

Um dos pontos que se destacam é a necessidade de aprimoramento na comunicação. De acordo com Willie e Elaine, marido e mulher precisam superar os padrões reativos de diálogo para exercer uma forma de comunicação misericordiosa. Os autores afirmam que diante de qualquer ofensa feita por um dos cônjuges, o outro sempre terá a oportunidade de parar, pensar e escolher a resposta certa: “Aquele que acalmará o problema, em vez de jogar lenha na fogueira” (p. 51).

Embora a comunicação seja importante, para se sustentar o casamento é preciso algo mais do que palavras. Por isso, os autores argumentam que os casais devem ser leais ao plano divino de construir uma união exclusiva de respeito e fidelidade (p. 31). Willie e Elaine acreditam que, diante das crises na vida a dois, a solução não é buscar um novo relacionamento, mas criar um casamento renovado.

**GUILHERME SILVA** é editor de livros na CPB

# A HISTÓRIA QUE

*ALÉM DO ENCARCERAMENTO,  
QUE MEDIDAS PRECISAM  
SER ADOTADAS PARA QUE  
O ABUSADOR NÃO VOLTE A  
COMETER O MESMO CRIME?*

ROSANA ALVES

Entre tantos aspectos do abuso sexual que precisam ser cada vez mais esclarecidos, não há como ignorar a importância de se falar sobre o abusador, embora haja quem defenda que não se deve pensar nele, a não ser em sua punição prevista em lei. Porém, para encarar a violência, é preciso buscar respostas para algumas perguntas: qual é o perfil do abusador? Há tratamento para ele? Sua vida pode ser restaurada?





# NINGUÉM CONTA

## ROSTO CONHECIDO

Antes de tudo, é preciso considerar que existem, basicamente, dois tipos de molestadores de crianças e adolescentes: o preferencial e o ocasional. O primeiro é aquele que tem atração por menores de idade, o que é conhecido como transtorno de preferência sexual (parafilia), e pode estar relacionado com problemas psicológicos, questões ambientais, ao fato de a pessoa ter sido vítima de abuso sexual na infância, além de imaturidade emocional e sexual. Por sua vez, o molestador ocasional é aquele que pratica o crime porque se aproveita da vulnerabilidade da vítima. Infelizmente, tem crescido o número de adolescentes que praticam esse abuso.

Quanto ao perfil psicológico, estudos indicam uma grande multiplicidade de características dos agressores, o que descarta a possibilidade de se criar um estereótipo para esse tipo de abusador. Ou seja, imaginar que somente pessoas com transtorno mental ou “bandidos” coagem menores para obter favores sexuais está distante da realidade. Isso explica por que muitas vezes o abusador é alguém acima de qualquer suspeita, um rosto conhecido

da vítima. O fato de ser alguém próximo dificulta a denúncia, prolonga a prática da violência e agrava as consequências emocionais da vítima.

## TRATAMENTO E RECUPERAÇÃO

Quando se trata dos abusadores preferenciais, aqueles que têm um transtorno da sexualidade, apenas a detenção para cumprir pena pelo delito cometido não é suficiente para que não se tornem reincidentes. A psicoterapia é indicada para identificação dos gatilhos (situações que disparam o comportamento abusivo) e para que intervenções sejam feitas com o intuito de mudança de comportamento. Dependendo do perfil psicológico ou da existência de um transtorno mental, a medicação adequada também deve ser prescrita.

É comum o abusador preferencial ter uma imagem distorcida sobre o próprio delito. Às vezes, ele considera que estava apenas dando carinho para a criança ou adolescente ou que sua atitude é menos grave do que a de outros abusadores. Por isso, a terapia em grupo, com histórias diferentes sendo contadas, é uma estra-

tégia que costuma ser eficaz para confrontar as justificativas dos molestadores.

Para aqueles que são abusadores situacionais, além da detenção, é necessário verificar se o molestamento aconteceu sob efeito de drogas ou de forma violenta. Dessa maneira, as intervenções são pensadas com base nas motivações do crime e na forma em que ele ocorreu. Nos Estados Unidos, o programa de recuperação de infratores do Havaí é considerado um dos mais eficientes do país. Uma das técnicas utilizadas é expor os abusadores às ligações de vítimas de estupro para a polícia. O objetivo é fazer com que entrem em contato com o sofrimento de quem foi violentado.

Outro recurso empregado é o psicodrama, técnica terapêutica, cuja base é a representação de papéis. Nessa abordagem, o abusador assume o lugar da vítima ou de algum parente dela, a fim de exercitar empatia por quem sofreu tamanha violência.

Experiências internacionais indicam que os tratamentos dirigidos para os infratores podem diminuir



significativamente a reincidência. É o que mostra, por exemplo, o livro *Group Therapy with Sexual Abusers*, de Steven Sawyer e Jerry L. Jennings (Safer Society Press, 2016). Assim, a sociedade e o governo precisam realizar esforço conjunto, não somente para prevenir o abuso, mas também para evitar sua repetição. Além de denunciar e prender, existe algo mais a ser feito com o infrator: tentar recuperá-lo.

## PEDOFILIA

Ainda no campo da recuperação e da busca por ajuda para transtornos sexuais, vale destacar que nem todo pedófilo é abusador de criança. Pedofilia tem que ver com a atração e o desejo pelo contato sexual com crianças, mas isso nem sempre se concretiza. Felizmente, a maioria dos pedófilos mantém o desejo sob controle, sem contato sexual com menores. Eles muitas vezes se limitam a consumir pornografia infantil, o que também é crime.

Muitos dos que sentem desejo por crianças sofrem por sentir tal atração ilícita, mas não procuram ajuda, pois têm medo e vergonha de ser expostos. A pedofilia é um transtorno muitas vezes acompanhado de outros, como, por exemplo, a depressão. Assim, é necessária uma abordagem multidisciplinar para recuperar esses indivíduos.

Outro fator importante nesse processo é a participação efetiva

da família no tratamento. Como os pedófilos costumam se isolar da convivência com outros adultos, o envolvimento dos familiares facilita o desenvolvimento das capacidades relacionais e serve de “mecanismo de controle” quanto ao uso de medicamentos, consumo de internet e contato com crianças.

O uso da psicoterapia em grupo também se mostra muito válido, pois ajuda os pacientes a se reconhecerem nas histórias uns dos outros e, juntos, reconstruam a própria identidade. Contudo, infelizmente, centros especializados no tratamento desse tipo de transtorno são quase inexistentes. Resta, portanto, o atendimento individual.

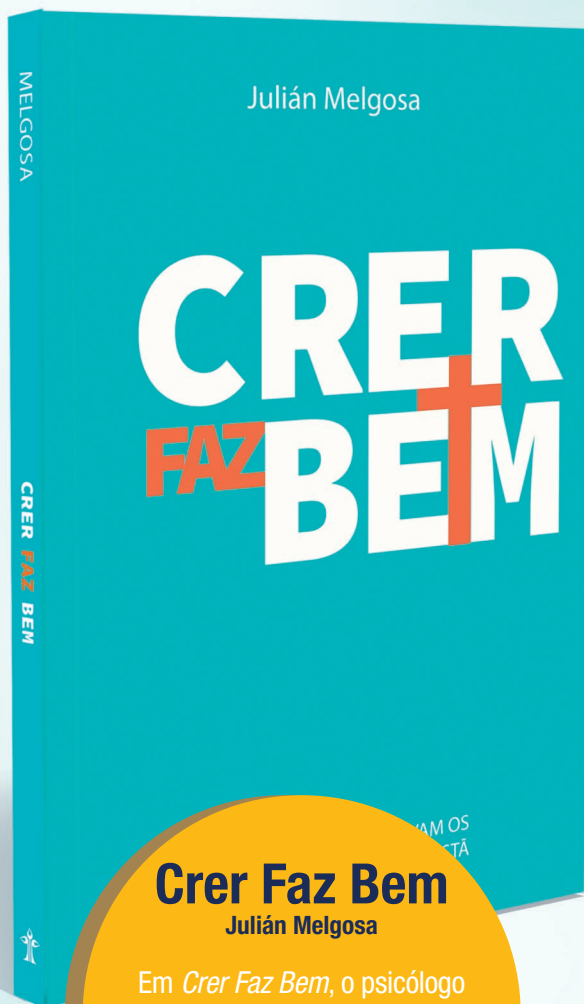
Por fim, sempre que existir sofrimento, deve-se pensar em solução. Se é possível restaurar a vida do abusador, por que não fazê-lo? Aliviar a dor, prevenir e tratar deve ser o objetivo de todos que procuram ajudar em situações tão lamentáveis como a de um abuso sexual infantil. Para tanto, mais agentes de esperança e restauração podem ser formados se trabalharmos com informações confiáveis e com a disposição de superar preconceitos.

**ROSANA ALVES** é pós-doutora em Neurociências pela Escola Paulista de Medicina (Brasil) e pela Universidade Marshall (EUA). Ela é presidente do Neurogenesis Institute, sediado na Flórida

# NÃO PERCA A FÉ EM MEIO AO SOFRIMENTO



MKT CPB | Fotolia



## Crer Faz Bem

Julián Melgosa

Em *Crer Faz Bem*, o psicólogo Julián Melgosa utiliza pesquisas e relatos pessoais para revelar os benefícios surpreendentes que todos podem obter vivendo a fé cristã.



## Lágrimas

Roberto Badenas

Este livro irá ajudar você a enfrentar a dor com dignidade e realismo, encarando os dramas humanos a partir do ponto de vista psicológico, social, filosófico e espiritual.

[cpb.com.br](http://cpb.com.br) | 0800-9790606 | CPB livraria |  15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | [atendementolivriarias@cpb.com.br](mailto:atendementolivriarias@cpb.com.br)

WhatsApp



/casapublicadora



Descubra como lidar com as

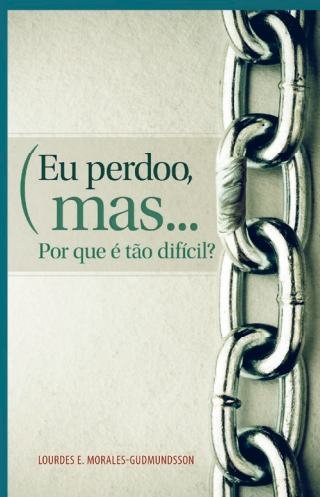
# emoções



## Ira Sob Controle

Larry Yeagley

Saiba como romper o hábito da ira e experimente a transformação radical que se origina em dar e receber perdão. Comece do princípio e aprenda a controlar a ira, a desvencilhar-se do rancor e a sentir-se livre.



## Eu perdoou, mas... Por que é tão difícil?

Lourdes E. Morales

Este livro é para as pessoas que creem que perdoar é importante, mas que não podem entender o que realmente é o perdão. Ele é para aqueles que sentem uma dor profunda e não sabem como enfrentá-la. Abra as portas para a renovação interior e a reconciliação.

cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | WhatsApp 15 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br

